

rativas e as respostas empáticas é talvez uma hipótese provisória em razão do caráter pouco avançado dos trabalhos nesse domínio.

Assim, o conjunto de trabalhos apresentados na obra *Empathie et Esthétique* aponta mais uma vez para a grande propensão da personagem para transgredir as fronteiras entre a ficção e a realidade. Esses autores deixam-nos ainda uma última e desafiadora tarefa: a de refletirmos sobre a existência de respostas emocionais transculturais e transhistóricas. Certamente, estudar as variações culturais e históricas será absolutamente necessário para compreendermos as estratégias que suscitam a empatia, uma vez que pudemos constatar nesta relação entre o leitor/espetador/jogador e a obra de arte uma variabilidade de respostas empáticas demonstrando que não faltam respostas empáticas às obras e que a empatia ocupa um lugar central em nossas sociedades.

Maria Regina Barcelos Bettiol

SINGULARIDADES NARRATIVAS: UMA LEITURA DOS CONTOS DE EÇA DE QUEIRÓS
ALANA FREITAS EL FAHL

UEFS Editora, Feira de Santana, 2012
270 páginas, ISBN: 9788599799482

Publicado em 2012, este livro de Alana Freitas El Fahl resulta de uma Tese de Doutorado em Teorias e Críticas da Literatura, apresentada anos antes à Universidade Federal da Bahia.

Desde o título damos-nos conta que estamos perante um estudo com ênfase na intertextualidade: a autora recorre ao primeiro conto publicado por Eça de Queirós – “Singularidades de uma rapariga loira”, de 1872 – para analisar, ao longo do seu texto, em que medida os referentes reais (a história da época em que foram produzidos), e formais (em textos de outros autores), influenciaram a escrita das narrativas curtas de Eça. O prefácio, de Maria Thereza Abella Alves, confirma a primeira impressão: trata-se, neste estudo, de analisar “viagens de ida e de retorno”, com “passos guiados pelo passado”, recorrendo ao confronto com os clássicos greco-romanos, com obras contemporâneas do autor, tanto da literatura portuguesa como de outras literaturas europeias. Numa abertura à interdisciplinaridade, e ainda segundo a prefaciadora, que não hesita em citar Barthes¹ para fazer a apologia do método seguido, a autora não se prende apenas à Teoria da Literatura, indo buscar à Sociologia, à Filosofia, à Antropologia e à História as ferramentas que lhe permitem penetrar mais fundo nos contos queirosianos. O prefácio elogia ainda a capacidade da autora para “ler as linhas e entrelinhas, o claramente exposto e o levemente insinuado”.

O livro centra-se em seis contos, cinco dos quais Alana Freitas El Fahl enquadra no último período literário

¹ “(...) todas as ciências se encontram disseminadas no monumento literário” in Barthes, Roland. *Lição*, Edições 70, 1988, p. 19.

de Eça, assim designado por Carlos Reis, cujas características narrativas, segundo o mesmo autor, englobam “elementos de natureza histórica, simbólica e mítica.” São esses contos “Civilização”, “A Aia”, “O Tesouro”, “A Perfeição”, “José Matias”, produzidos entre 1892 e 1897. O sexto texto refere-se a um período literário anterior: trata-se de “No Moinho”, publicado em 1880.

Dividido em três partes – “Dos espaços”, “Das tradições” e “Dos afetos” – e em cada um deles integrando dois dos contos eleitos, este ensaio oferece ao público novas leituras, apelando a exegeses livres da ingenuidade do primeiro encontro ou das ideias preconcebidas, baseadas em estudos prévios.

Assim, no primeiro capítulo, se nos deparamos com o tema tantas vezes versado da viagem interior e exterior do herói para caracterizar “Civilização” e “A Perfeição”, e não abandonando os tradicionais *leitmotifs* escolhidos para avaliar os contos – o tédio, a melancolia, o confronto do protagonista com a sua condição humana – estas “Singularidades” transportam-nos ao ambiente da época em que foram escritas. Sobre “A Perfeição”, a autora defende a tese de que Eça nos mostra um Ulisses muito diferente do concebido por Homero: trata-se de um herói ironicamente burguês, com os traços físicos e morais da burguesia do final do século dezanove, “fora de combate (...) barba longa, mãos sem calos e pés macios, evidenciando seu estado de prostração

e inatividade”. Para Alana El Fahl, o Ulisses queirosiano, construído pela ironia, será a personificação do Portugal contemporâneo do escritor, um país abatido pelo Ultimatum inglês, “navegante inerte e fora de combate. Seu momento é de reflexão sobre si mesmo, um momento de autoquestionamento”, esperando que o mensageiro dos deuses lhe anuncie a redenção do Olimpo, e o mergulhe num desassossego que, finalmente, lhe dará forças para construir a jangada que o libertará da ilha Ogígia e da perfeição da inércia. Por outro lado, no Jacinto de “Civilização”, a autora encontra na personagem cosmopolita uma apatia e um pessimismo próprio da crise positivista, atitudes que o herói irá superando ao longo da narrativa, indício de que “o posicionamento ideológico de Eça vai contra o niilismo e contraria, no sentido estético, o decadentismo finissecular adotado por muitos autores.” No início do conto, Jacinto, pertencente a uma elite inútil, acumuladora de bens materiais e sófrega das novidades trazidas pela tecnologia, sofre de “fartura”, segundo a expressão de Grilo, o seu criado. O resgate do seu estado de alma acontece na viagem a Torges, nas montanhas, berço dos seus antepassados. Diz a autora que é no momento em que se confronta com o portão da quinta e percorre a longa avenida de faias – Alana não esquece a menção velada às *Bucólicas* de Virgílio e sobretudo ao verso *sub tegmine fagi*, expressão querida de Eça de Queirós – que se inicia a transformação:

Jacinto reconcilia-se consigo mesmo ao encontrar-se com o passado longínquo da família; tal como Ulisses, ele é uma personificação de Portugal e também ele reflete sobre si próprio, apela à sua consciência mais profunda e encontra o equilíbrio no meio caminho entre a cidade e as serras: Eça “Deseja um Portugal que abrigue as tradições campestres, embora modernizado. (...) deseja escrever um Portugal contra dois excessos: o do campo atrasado e o do progresso supercivilizado”, lembrando a utópica *República* de Platão para retratar a vida que Jacinto leva na serra.

Para falar “Das tradições”, com o sugestivo subtítulo evangélico “vinhos novos em odres velhos”, a autora escolheu dois textos de ambiente medieval, “A aia” e “O Tesouro”. Alana justifica a sua escolha com a coincidência do gênero: a forma do conto tradicional foi adaptada por Eça para a sua escrita, no primeiro caso com uma narrativa original e no segundo bebendo na tradição popular. Na personagem principal do primeiro conto, a aia, Alana El Fahl vê uma criatura restringida a um tipo social, a quem o criador traça o destino, desde o início ligado à subserviência: “A servilidade no conto soa como absurda porque atinge um grau máximo: o sacrifício do filho” por imposição de um poder sobrenatural e decisão do progenitor. Intertextualmente, a autora encontra semelhanças entre a imolação no conto queirosiano e a história de Abraão e Isaac, na Bíblia, e a de Agamémnon e

Efigénia, na *Ilíada*. Nos três casos, o destino das vítimas passa pelo sacrifício em favor de uma Nação que se dissolve ou que corre o perigo de se desagregar. Porém, enquanto nos dois textos clássicos, a intervenção divina salva as crianças do holocausto, no conto queirosiano não existe misericórdia para o filho da aia, devido à condição servil da mãe, impossível de suscitar piedade a qualquer poder celestial. Para a autora, “A aia” é, sobretudo, uma crítica geral à servidão [entenda-se, à servidão portuguesa a Inglaterra, após o Ultimatum] e, nesse sentido, traz uma denúncia aos desequilíbrios sociais.” “O Tesouro” é considerado neste livro enquanto conto exemplar, história de proveito e exemplo, cujo tema corria na tradição medieval europeia, encontrando-se no *Orto do Esposo* de autor anónimo, em Gonçalo Mendes Transoso e nos *Contos de Cantuária* do inglês Geoffrey Chaucer. A moralidade, ou antes, a morigeração dos costumes nacionais, intentada pela crítica queirosiana é, segundo crê a autora, “transversal a toda a sua narrativa” e aponta para uma tentativa de correção moral da sociedade portuguesa, baseada na denúncia da falência das suas instituições.” O conto, não tendo aparentemente qualquer correspondência com a sociedade portuguesa da época em que Eça o escreveu, decorre nas Astúrias, onde fidalgos miseráveis, três irmãos “mais bravios que lobos” acabam por morrer, cada um deles assassinado por um dos outros, todos eles motivados

pela ganância de ficar com a totalidade de um tesouro árabe que tinham encontrado. A circunstância de Eça ter escolhido o fratricídio entre nobres (nas restantes versões, os protagonistas são marginais), lembra à autora o Génesis e o primeiro assassinato da Bíblia: Caim matou Abel, mas, enquanto na tradição Caim é condenado e Abel abençoado, em “O Tesouro” não existe redenção para nenhum dos irmãos, pois todos eles, em simultâneo “vítimas e algozes”, pecaram e todos foram castigados com a morte. Relacionando o conto com a novela *O Mandarim*, Alana El Fahl encontra uma relação entre a ganância dos três irmãos e Teodoro: a facilidade em encontrar o tesouro, a facilidade em tocar a campainha de que provém a abastança do amanuense, têm paralelo na avidez das personagens mas também na falta de mérito por eles manifestada para possuírem a riqueza conseguida sem esforço, sem capacidade moral para decifrar o significado oculto do tesouro.

Em “Dos afectos”, Alana Freitas El Fahl enfatiza “a desordem do desejo” de que são exemplo, por contradição, “No moinho” e “José Matias”: se, no primeiro, Maria Adelaide cede, desordenadamente, à concupiscência brutal despertada por um primeiro adultério sedutor, no segundo é o amor platónico, nunca consumado, classificado pela autora como manifestação tardia do amor cortês, que mantém o amante fiel e dedicado ao objeto amado até à completa absorção, simbolizada

pela morte do protagonista. Considerando José Matias a personagem mais complexa da galeria de Eça, a autora aponta o dedo ao narrador, incapaz de “explicar o inexplicável José Matias”, devido à sua ingenuidade, à sua filosofia hegeliana e à visão evolucionista, “elementos limitados ante o enigma das emoções humanas”. Trata-se da ironia que Eça utiliza para criticar o espírito predominante em Portugal no final do século dezanove. Comparando a amada do protagonista, Elisa, com figuras históricas tão distantes no tempo como a Sulamita, Helena de Tróia, Ariadne, Dido ou Inês de Castro, Alana traça uma linhagem de mulheres que foram muito amadas por entidades mitológicas ou seres humanos superiores e que estiveram na origem de crises profundas. No caso do conto em apreço, ironicamente, o único abalo causado por Elisa, cuja vida correu de acordo com a sua vontade pessoal, sem se deixar afetar pelo amor platónico do seu apaixonado, foi o que provocou na vida de José Matias, ao permitir a sua admiração sem limites, conduzindo à degradação e à ruína um homem que, antes dela, não amara nenhuma mulher. Indo mais longe, a autora considera que “a ausência do contacto carnal está fora do (...) horizonte de expectativa” de José Matias, que se recusa mesmo a casar com Elisa quando a ocasião é propícia: “Trata-se, portanto, de um traço escandaloso, porque inabitual. Isso implica que, estando fora do contexto que um dia lhe foi próprio – a cultura medie-

val — o amor cortês de José Matias passa ao estatuto das patologias, adquirindo carácter mórbido” e perverso. Da perversidade feminina conta-nos “No Moinho”: Maria da Piedade, nome que Alana El Fahl relaciona com a *Pietà*, a *Mater Dolorosa*, Nossa Senhora da Piedade, é uma esposa e mãe extremosa, sacrificada e resignada, que se entrega por um momento às carícias de um primo do marido, Adrião; transtornada pela experiência, “abandona a sua devota vida doméstica e passa a viver em função da satisfação das suas fantasias”, idealizando uma existência que não se coadunava com a vida dedicada à família que até então levava. No seu íntimo sempre houvera sentimentos de insatisfação, habilmente ocultados, transbordando em total frustração a partir do momento em que é confrontada com uma realidade diferente, sensual e sentimental. A autora revela, na casa de família em que Maria da Piedade sempre se encontra, o espaço fechado que só com a chegada de Adrião, se abrirá e a fará sair para o ar livre e ameno, ironicamente para, por insistência do marido, acompanhar o primo na venda de uma fazenda: “basta um beijo para que se dê a transformação de Piedade. [Ela] tomara consciência da sua miséria (...) através da leitura passa a encher de fantasia a sua existência vazia”, fantasia que realizará com um ajudante de boticário, “figura ambígua que desperta repulsa e atração pela sua potência”, mas que “substitui precaria-

mente a ausência do amante perfeito” A autora conclui com a análise da desordem que passa a reinar na vida e na casa de família de Maria da Piedade, vítima, segundo Eça de Queirós, de “histeria e romanticismo mórbido”, males da sociedade portuguesa que mutuamente se alimentavam.

As palavras finais do livro “Analisados, os contos de Eça de Queirós evidenciam a dificuldade, e até mesmo o equívoco, de tentar circunscrever a sua ficção às fronteiras dos códigos realistas” dizem bem da tarefa a que a autora se propôs — encontrar um fio condutor entre os variadíssimos temas que o escritor escolheu glosar. Alana Freitas El Fahl orientou-se numa rosa-dos-ventos que apenas é possível quando se possui um profundo conhecimento da obra queirosiana, da tendência do escritor para a intertextualidade implícita, de uma cultura muito abrangente e de uma grande coragem para estudar as linhas menos óbvias de um género que, no caso de Eça de Queirós, tem sido preterido pelos ensaístas, geralmente mais preocupados com a produção novelística do autor d’ *Os Maias*. Esta sua audácia resultou numa obra elucidativa, de leitura agradável, que acrescenta muitos pontos à investigação dos temas queirosianos e que certamente agradará ao público conhecedor e esclarecerá quem deseje iniciar-se no estudo dos contos de Eça de Queirós.

Irene Fialho